May, Keith M. *Out of the Maelstrom. Psychology and the novel in the twentieth century.* Londres, Paul Elek, 1977. 135p.

Pode parecer descabível essa resenha numa publicação de psicologia. O subtítulo pode induzir a revistas literárias. Mas é aparência apenas. Se resenhamos livros de

psicologia aplicada à orientação vocacional, à seleção, à pesquisa, por que não podemos fazer o mesmo quando se procura compreender o evoluir da novela por meio da psicologia?

A obra em foco é a análise da influência que as várias correntes de psicologia exerceram no romance, durante o século XX. O autor explica que o livro se refere a certos desenvolvimentos psicológicos e a algumas mudanças no caráter humano, previstos por Virginia Wolf em 1910. Ela se referia a modificações de consciência, ou à ofuscação da diferença entre sujeito e objeto, entre o perceptor e o percebido. Algo importante no campo da psicologia era a emergência do conceito psicanalítico do inconsciente, embora a noção viesse desde Aristóteles, e fosse referida por Schopenhauer e Eduardo Von Hartman.

Proust e V. Wolf, antecipando-se a seu tempo, embora em atividade no período do impacto das idéias de Freud, e embora as absorvendo, tinham muito de si mesmos para oferecer à geração seguinte de escritores e psicólogos. É notável, diz o autor, como psicólogos posteriores recorrem a Proust e V. Wolf para respaldarem suas próprias observações de normalidade e patologia. Tema recorrente em todos: o senso de identidade. Não é sem razão que Erikson pontifica: "a busca da identidade tornou-se tão estratégica em nosso tempo como o estudo da sexualidade o foi ao tempo de Freud".

O problema da identificação vem desde Sófocles, quando era preponderantemente social ou familiar: quem eram os pais do herói, a que classe social ele pertence? Houve gradual mudança, ao progredir o século XIX, do mistério externo para o interno, do "quem sou eu" para "que espécie de pessoa sou eu? "

Os naturalistas se agarravam "cientificamente" aos aspectos do ambiente, e do comportamento humano em relação ao ambiente. Mas, os autores do século XX não estão impressionados com a temática e o enfoque da escola de Zola. Estão interessados na natureza do ser humano, em resolver o problema do homem, ou pelo menos em enfrentá-lo pela consciência reflexiva. Em nossa época o homem tornou-se o problema no senso ontológico, ou no social e moral, já que o modelo religioso está ultrapassado.

Na virada do século, a análise da consciência na literatura sofre uma freada. Surge o inconsciente de Freud. E aparecem Joyce e Lawrence. Thomas Mann disse de Freud: "pode ser chamado anti-racional, desde que trata (. . .) com a noite, o sonho, o impulso, o pré-racional; reacionário no assunto (*subject-matter*), mas revolucionário na direção" (p. 1). Freud olhava para trás a fim de mover-se para a frente.

Ao estudar a natureza do inconsciente, o autor relembra que no processo primário o estímulo vai de neurônio a neurônio, sem impedimentos. Produz o prazer. O processo primário é o inconsciente ou está nele. A pessoa vê ou ouve objetos, enfim, pensa, quando o ego enfraquece, de forma alucinatória. O ser humano quer viver inconscientemente, como um animal ou uma criança, conforme o mito de Adão e Eva antes da queda. No processo secundário, a organi-

zação especial de neurônios chamada ego bloqueia a corrente. Produz a dor, ou o desprazer.

Freud seria "reducionista" – miríades de atividades da psique reduzem-se a fundamentos sexuais. Daí, poucos novelistas poderem criar, escrever, seguindo linhas estritamente freudianas, mas Joyce teve êxito em "reduzir" seu herói Leopold Bloom, sem denegri-lo. Assim, para o autor, *Ulysses* é produto das idéias de Freud, mas não particularmente elas. Lawrence talvez tenha chegado mais próximo a Freud, em *Filhos e Amantes* e no *Amante de Lady Chatterley*, onde a atividade sexual dos personagens é vista como meio de reparar as devastações produzidas pela industrialização na psique humana. Em Lawrence entraria também Jung, para quem acha o autor no homem moderno a Trindade deve ser uma quaternidade, isto é, incluir o demônio. Para Lawrence, uma única via nos indicou Cristo: a do céu, para cima. Precisamos também de uma para baixo, que leve às profundezas terrestres da natureza humana.

Ao estudar Proust e Virginia Wolf, o autor deu ao capítulo o nome de A procura de identidade. Sobre Proust aborda o surrado tema da memória voluntária e involuntária, no sentido bergsoniano. O episódio da Madelena e a xícara de chá, mais o tropeço nas pedras que pavimentam um páteo (identificação com as pedras em desnível na catedral de São Marcos de Veneza) seriam exemplo do milagre dessas memórias. Pouco depois, Proust ouve um criado tinir uma colher contra um prato, o que o leva ao passado, ao som do martelo de um ferroviário batendo contra a roda de um trem parado num bosque. Assim, os estímulos olfativo, motor e auditivo permitem ao narrador chegar a algumas conclusões sobre "tempo e identidade pessoal". Proust denominava inconsciente o que não é inconsciente, e sim impressões que, por alguma razão, o indivíduo ignora ou esquece. Pode ser repressão, mas não no sentido psicanalítico, porque as experiências esquecidas foram de fato experiências felizes.

A pessoa seleciona os elementos que devem merecer sua atenção e a espécie de resposta menos penosa, agressiva, submissa emocional, reflexiva, etc. Um senso de identidade é adquirido, forte em uns, fraco noutros. Proust é uma "espécie de fenomenologista", relembra o autor, pois "as descrições dos momentos de consciência, em lugar de análises, sumários ou abstrações, constituem a maneira mais próxima de se chegar à verdade"; a consternadora resposta parece ser a de que não podemos encontrá-la, porque ela existe somente "em cada momento de experiência, e o momento não pode ser captado em toda sua pureza". Fica apenas a imagem. Isto é Bergson, afirma o autor. Num momento de memória involuntária conhecemos a maneira de nossa existência, como por exemplo: a "imagem de Combray que veio ao adulto Marcel (Proust) foi apenas uma imagem e contudo ela casou com exatidão à impressão sensorial da infância" (p. 66). Tudo isto era o reverso das crenças naturalistas, proeminentes durante a infância de Proust.

Nos primeiros anos deste século, noções literárias e filosóficas da personalidade humana foram muitas vezes biológicas e individualistas, em oposição ao social. Jung nunca se interessou muito pelos fundamentos biológicos da natureza

humana, mas dava grande importância aos fatores culturais, enquanto as teorias de Adler se apoiavam, até certo ponto, numa analogia entre mecanismos de compensação psicológicos e fisiológicos. Bergson, que está atrás de Proust e V. Wolf, estudou as relações do indivíduo com os outros, mas não as relações individuais com a sociedade em geral.

Parece correto dizer que, até 1930, tanto os psicólogos quanto os novelistas tendiam a ver o mundo social como produto da psicologia individual e de forças biológicas no homem (os instintos), enquanto desde aquele tempo houve maior ênfase no indivíduo como produto de formas sociais. A questão central é estabelecer se a identidade pessoal se liga ao fato de o indivíduo ser determinado por forças sociais ou instintivas. Proust e V. Wolf pouco ligaram para isto. Para ambos o mundo social era simplesmente o meio com os quais seus caracteres tinham que lidar. Vem depois a parte do existencialismo. Após citar Jaspers, Husserl e Heidegger, o autor dá ênfase à influência literária exercida por Sartre. Daí pula para a novela norte-americana de pós-guerra: dos Passos, Hemingway, Mailer, Curson WC Cullers, etc. As atitudes dos psicólogos existencialistas modernos emanam do que foi escrito nas primeiras décadas do século, pelo que estamos considerando um desenvolvimento que ultrapassou uma certa extensão, o crescimento da psicanálise. Fala novamente nos papas do existencialismo, no Zenbudismo. Ao citar Capote, Mailer, Forsyth, o autor tem esta frase lapidar: "No passado havia uma idade de Shakespeare, de Voltaire, de Dickens. A nossa é a idade, não de um poeta, de um pensador ou novelista, mas do documento. O homem representativo de nosso tempo é o jornalista viajante, ou correspondente, que solta um *best-seller* no intervalo do cumprimento de missões".

V. Wolf e Proust, e depois deles os neofreudianos, concentraram-se num meio diferente – mas não necessariamente oposto – de alcançar a individualidade. Para eles, a identidade pessoal, e concomitantemente um sentido de unidade com os outros, foi assegurada por meio de acurada consciência das percepções, momento após momento.

"As diferenças entre Lawrence, V. Wolf e Proust, e entre qualquer desses autores e os existencialistas que os seguiram são enormes . . . Sob o ponto de vista histórico eles têm em comum algo muito importante: a destruição do essencialismo, a crença de que o indivíduo tem uma espécie de eu (*self*) preexistente, do qual seu comportamento é mais ou menos acurada manifestação. O que notamos em todos eles – Lawrence, Sartre, V. Wolf e os psicólogos existencialistas – é uma transformação da noção de caráter numa visão de sucessivos estados de ser" (p. 119). Revela o reconhecimento da necessidade de reunir o indivíduo com seu meio, mediante responsável auto-escolha, percepção pessoal desinteressada, e não mediante a fé e o mito.

ATHAYDE RIBEIRO DA SILVA